

TEMPO TARDADE

Raquel Miragaia



Tempo Tardade

1ª edição, junho 2020

©Raquel Miragaia

Associação Galega da Língua
Santiago de Compostela (Galiza)

atraves@a.gal

www.atraves-editora.om

ISBN: 978-84-16545-44-5

Depósito legal: C 682-2020

Coordenação: Teresa Crisanta V. Pilhado

Capa: Lois Bua

Diagramação: Teresa Crisanta V. Pilhado

Revisão: Valentim Fagim, Ricardo Gil e Joana Palha

Imprime: Sacauntos Cooperativa Gráfica

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

Este livro está escrito numa variedade galega do português.

A MINHA INFÂNCIA MORA NUMA CASA VELHA DE PEDRA, habitada por mais de cem anos de história. Lá mora, acompanhada do meu pai ainda vivo, o meu pai que leva torpemente a diminuta mão da minha infância agarrada às suas enormes mãos de trabalhador incansável.

Moram também lá um avô especialmente sensível à arte e ao espírito (que é quase como dizer a mesma coisa), um avô que acompanha as minhas letras infantis com um entusiasmo de avô emocionado, uma avó fisicamente desconhecida mas muito próxima de mim e da minha vida. E vive também uma tia-avó que tenta parar com um pano o sangue das feridas de uma mordedura de cão no meu rosto infantil.

A minha mãe mora nessa casa antes e depois de tudo. A sua ansiosa antecipação dos factos o medo. Todos os medos e, sobre todos, o medo de não conseguir cuidar dos entes queridos. A culpa pelo seu sofrimento e o dos outros.

Procurando bem, encontro dois irmãos que brigam e brigam sem parar ante os estupefactos olhos da minha infância que não compreende que possam brigar querendo-se tanto, e que possam depois da briga voltar a rir e brincar juntos, unidos por um invisível cordão umbilical.

E vive uma irmã precocemente responsável e preocupada por mim, pela minha infância desorientada e pela minha adolescência muito mais desorientada ainda.

Pairam por lá também a adolescência revoltada e uma juventude em que aos poucos tudo ia tomando o seu lugar. Centenas de leituras extravagantes em lugares ainda mais extravagantes (no prado com as vacas, sentada em cima da erva seca, com as costas no palheiro...). E um incontável número de festas populares.

Hoje, a minha infância, o meu pai ainda vivo, a minha omnipresente mãe, o meu sensível avô e a minha avó desconhecida, a minha pequena tia-avó e todo o resto, ficaram sós na casa de pedra, e um pouco sem abrigo. E eu sou a que sinto desamparo.

Tardade, 5 de dezembro de 2010

I

O funeral foi rápido apesar de contar com quatro padres, todos com mais de sessenta anos. A mãe tinha deixado tudo disposto, escrito na parte de trás de uma folha de calendário e guardado numa pasta azul antiga em que escrevera com caligrafia irregular: FUNERAL. Os filhos não lhe permitiam falar da própria morte. Achávamos que era só uma maneira de enfrentar a dor da perda do marido e rejeitávamos a conversa com desculpas torpes. O pai morrera só há três anos atrás depois de sofrer uma enfermidade terrível, dolorosa e rápida. Não podíamos permitir-nos à perda da mãe também e, no entanto, ali estávamos, enterrando-a e recebendo as condolências de vizinhos interessados nos pormenores. Como foi? Sofreu? Quantos anos levava? Alguns aventuravam uma hipótese: morreu de pena, não aguentou.

O certo é que nem eu nem Isaac sabíamos o que tinha acontecido, nenhuma doença prévia além do normal, as dores normais da idade nas suas palavras, e nenhuma hipótese nos confortava. De alguma forma, assumíamos uma certa responsabilidade naquela morte previsível, mas com desgosto, com pouca vontade. Conseguimos segurar o incómodo até o funeral acabar e depois, Isaac despedira-se com a voz quebrada. Ele, que era o forte, o irmão mais velho. Voltamos para casa e nem

entrou, apenas pegou nas chaves do carro e despediu-se de mim com um abraço silencioso.

Estive fora várias horas, até que começou a escurecer. Deixando passar o tempo sentada no banco de pedra senti a volta da infância, quando podia reger os meus atos apenas por sentimentos primitivos: voltar a casa quando tinha fome, frio, sono, medo... Já no começo do crepúsculo assustou-me o som do telefone. Não era a reconhecível melodia cinematográfica do meu telemóvel, era um tom arcaico que soava a passado e a más notícias.

Fiz um pequeno esforço por rememorar. O telefone, o da casa, o que estava sempre colocado no mesmo lugar. Conceitos como “sempre” deixaram de fazer sentido. Havia muito tempo que não sabia onde estavam colocadas as coisas, como soavam ou como reagiam ao contacto da minha mão.

Encontrei-o. Não havia muita originalidade em certos hábitos e nem sequer uma câimbra deu um ar menos normal àquele ato.

—Olá!

—Olá, Branca! Como está tudo?

—Tudo bem, Isaac, tudo bem, como antes.

Antes de quê? Pensei em dizer ao meu irmão, tu sabes antes de quê?

Os risos do outro lado eram desconfortáveis. Sentia-o ainda que nada de objetivo pudesse confirmá-lo.

—Já sabes que se precisares de algo podes avisar a Amador ou a Modesta. Tens os números ao lado do telefone, no caderno. Penso que não fica muita mais gente, mas eles podem ajudar no que for. E se não estiverem chamas-me a mim, já sabes.

—Sim, sim, não há problema.

Claro que sabia, não ia saber! Isaac, a praticamente mil quilômetros de distância podia ir resgatar-me em qualquer momento.

—Eu voltarei nas datas previstas —e na minha imaginação Isaac consultou o calendário do telemóvel onde teria anotado “testamento”, acompanhada de uma carinha de desgosto— se tudo correr bem. Se tudo correr bem.

—Está bem, não há problema, já sabes. Eu não tenho pressa.

Voltei a imaginar Isaac com um gesto de incompreensão. Nada mais difícil para si do que compreender a indolência, a lentidão, não ter pressa.

—Pois, então combinamos assim, beijos.

—Ciao.

Combinamos assim. Na realidade não combináramos de maneira nenhuma, mas havia uma confiança cega na eficácia de certas palavras, de certas frases feitas. Acabar uma conversa com “combinamos assim” era garantia de ter-se compreendido, de estar falando o mesmo idioma.

Mal cortei a chamada fiquei consciente de que não pensara na ceia, nem no pequeno almoço. Não havia nada de comer na casa e a última coisa que queria era pegar no carro. Bem, pelo menos já tinha algo que fazer, tinha um plano. No dia seguinte, a minha primeira tarefa seria a compra. Pôr a funcionar a maquinaria da rotina.

Entretanto, nessa noite iria apenas deixar passar o tempo. Tentaria esquecer a fome, enganaria-a com qualquer guloseima das que levava habitualmente no bolso e iria dormir tranqüila.

Apesar do calor do final da primavera, a cozinha estava especialmente fria. Lembrava aqueles verões eternos em que, quase todos os dias, a cozinha era acendida no final da tarde para não deixar arrefecer a casa. Com um certo ceticismo de-

cidi recuperar o ritual. Ainda restava na casa lenha suficiente para manter a cozinha acesa uns bons seis meses. Preparei com meticulosa paciência tudo o que fosse necessário para fazer aquilo funcionar. Os papéis de jornais antigos, a lenha miúda, o isqueiro e a lenha um pouco maior para quando prendesse. O tiro, é claro. O fogo começou a arder com alegria nos primeiros instantes. Essa facilidade inesperada encheu-me de euforia, mas era falsa. Passados dois minutos, um fumo denso e escuro começou a sair pelos bordos. Aquele fumo era um bilhete direto para o passado, para todos os dias em que recebi as lições de como acender a cozinha sem fumo. Lembrei e obedeci. Obedeci ao instinto mais do que à lembrança, peguei nos jornais e cevei o tiro uma e outra vez, tossindo e com os olhos ardendo, cheios de lágrimas, até que consegui que parasse o fumo. A lenha voltou a arder com alegria e recriei-me no sucesso.

Com aquela satisfação liguei a TV e a cozinha encheu-se de ruído, de sons de vozes, música... um barulho que não combinava com a casa nem com o tempo. Tive o impulso de chorar. Pela primeira vez desde a morte da mãe tive o impulso de chorar. Pelas ausências, pela nostalgia, por mim e pelo meu crescimento que não acabava de coalhar.

Quando fui capaz de assentar a tristeza, dei sentido às imagens da TV e reconheci umas personagens, uma história. Tratei de me ligar com aquilo mas tinha dificuldade em fazê-lo. Não conseguia interessar-me e a cada poucos minutos mudava de posição no banco de madeira, parecia ser feita só de ossos que se cravavam na dureza do banco.

—De acordo, irei dormir.

Era tão cedo para estar na cama que me senti de novo criança. Como antes do primeiro dia de colégio, estava inquieta e não

parecia que fosse adormecer rápido, tinha que ler três vezes cada parágrafo do romance, porque a mente vagueava em mil direções diferentes. Não aguentava o silêncio. Coloquei a música nos auriculares mas tudo me parecia demasiado triste, toda a música triste. Por fim, consegui acalmar-me escutando uma locutora de rádio num programa de notícias. Aos poucos fui-me concentrando naquela voz e na reportagem e consegui adormecer.

O sono foi apazível apesar do desassossego inicial. Não tinha colocado o despertador e surpreendeu-me uma hora inatempativa, tarde de mais para o café. Tinha dormido nove horas e sentia-me descansada, calma. Ainda restava algum tempo antes dos mercados fecharem. Aquilo era uma das lembranças que também tinha, os mercados que fechavam e determinavam os horários dos clientes. Nada dessa atividade perpétua do “*shopping full time*”. Até a língua tinha que ser diferente, só o inglês pode nomear um mercado que não fecha nunca.

O duche teve que ser de água fria e isso lembrou-me que tinha que comprar a botija de gás, outro anacronismo só possível ali. Sorri. Já na vila outra estranheza me invadiu. Tudo era familiar e diferente, caminhava em uma borbulha do tempo indefinível. Tinha a certeza para onde dirigir os meus passos, não esquecera nada e o tempo conseguira manter as coisas no seu lugar. Podia repetir o roteiro da infância, seguindo o meu pai pelos diferentes comércio precisos sempre com pressa, porque na casa era esperado mais trabalho do que alcançavam os braços.

Caminhando nessas fantasias não reparava na gente. Até que alguém me parou. Uma cara completamente desconhecida e remota sorriu-me:

—Branca! Não acredito! Quanto tempo!

—Olá...

A mulher que me olhava não pareceu reparar no meu tom dubitativo, ou não se importou com ele.

—Então, estás de volta? Já soube dos teus pais. Lástima, sinto-o muito.

—Enfim, já eram muitos anos.

—Não, não eram tão velhos, mas já se sabe, melhor isso do que uma agonia lenta e dolorosa.

Tinha que pôr-me em modo “lugar comum”. Nunca tivera muito jeito para os estereótipos nem para as conversas vazias. A minha mãe sempre brigava, porque eu não falava nada com os vizinhos nas poucas vezes que ia à aldeia, não me ocupava em conversas sobre o tempo, a seca ou o mau ano para o trigo.

Agora estava ali, diante de uma mulher que me falava de lugares comuns na segurança de que a acompanhava nas suas lembranças. Ante a sua certeza sentia uma profunda desorientação como um oceano ao meu redor, isolada desse mundo que fora meu.

—Ai, Branca, que bom ter-te encontrado. Agora estou com pressa que tenho a minha mãe no médico, mas qualquer dia vou-te visitar. Estás na casa ainda uns dias, não?

—Estou, até logo.

Os dois beijos de despedida soaram como estalos nos meus ouvidos. Fiquei um tempo quieta desde que a mulher se foi, tentando recompor a cena e ligá-la a alguma lembrança da infância. Os esforços eram tão inúteis quanto penosos. As imagens da infância chegavam com uma dor indefinida e afiada. Aos poucos, consegui voltar ao dia em que estava, lembrar os meus objetivos e pôr-me a caminhar.

De volta à casa comecei a sentir tudo mais naturalmente. Abri as janelas e deixei que o cheiro a fechado fosse saindo de-

vagar, com dificuldade. Coloquei as compras e decidi começar a arrumar. Embora a minha decisão fosse firme e ansiosa, não conseguia mover-me. Sentia os pés tão pesados que qualquer movimento parecia impossível. Torturava-me ficar parada e obriguei-me à ação.

Fui para o meu quarto, por algum lugar devia começar. “O meu quarto”, pensar o espaço naqueles termos era mais do que uma hipérbole. Aquele quarto usara-o primeiro o avô, depois o irmão e depois eu; não tinha uma pertença clara mas cada vez que pensava nele pensava assim “o meu quarto”.

Um quarto que fora mudando o seu rosto à medida que trocavam os habitantes: camas gémeas e sem armário, cama grande com armário pequeno, cama mediana com armário grande. Na última configuração tudo tinha um certo ar pesado. Móveis de castanheiro, maciços, enraizados na árvore que lhes dera vida. Sempre gostara da madeira de castanheiro, passava muitas vezes a mão por cima daqueles móveis e achava que podia sentir a história. Na sala de jantar, essa sensação multiplicava-se. Aqueles móveis centenários, de madeira escurecida e ameaçada pelas couças, comunicavam-se com algo que estava nos genes, não sabia o quê, mas era algo muito preciso e muito evidente que me fazia sentir forte, dura. No quarto a sensação era menor, era mais a intuição do rastro. Neste caso o meu, o que ia deixar para as seguintes.

A luz do Sol entrava pelas janelas recentemente abertas, caía sobre os móveis e fazia destacar a grossa película de pó que se fora formando acima deles. Aquela iluminação acentuava a idade do mundo, do meu mundo, mas sem chegar a cair na sensação de ruína.